



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

RAQUEL LIMA ARAUJO DE OLIVEIRA

MEMÓRIAS LITERÁRIAS: O INTERAGIR DE GERAÇÕES

GUARABIRA – PB

2014

RAQUEL LIMA ARAUJO DE OLIVEIRA

MEMÓRIAS LITERÁRIAS: O INTERAGIR DE GERAÇÕES

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação – Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Suely da Costa

GUARABIRA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48m Oliveira, Raquel Lima Araújo de
Memórias literárias [manuscrito]: o interagir de gerações /
Raquel Lima Araújo de Oliveira. - 2014.
35 p.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Maria Suely da Costa, Departamento
de Letras".

1. Memórias literárias. 2. Identidade. 3. Escola. I. Título.
21. ed. CDD B869.33

RAQUEL LIMA ARAUJO DE OLIVEIRA

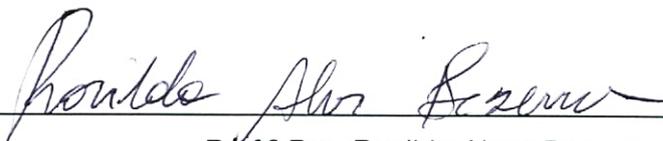
MEMÓRIAS LITERÁRIAS: O INTERAGIR DE GERAÇÕES

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação – Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

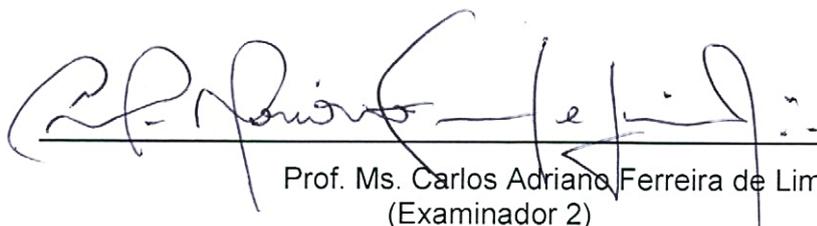
Aprovada em: 19/07/2014



Prof.ª Dra. Maria Suely da Costa
(Orientadora)



Prof.ª Dra. Rosilda Alves Bezerra
(Examinadora 1)



Prof. Ms. Carlos Adriano Ferreira de Lima
(Examinador 2)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Ana Marta e Gilson e minha irmã Rousemary, pelo apoio
incansável;
Ao meu esposo Damásio, por proporcionar os momentos mais felizes da
minha vida;
Aos idosos, que gentilmente compartilharam suas memórias conosco
durante a realização do Projeto Lembro como se fosse hoje.

AGRADECIMENTOS

Minha absoluta gratidão a todos que, mesmo sem perceber, escreveram
comigo este trabalho.

A Deus, pela presença constante na minha vida;

Aos meus pais Gilson e Ana Marta, os primeiros a investir e acreditar em
minha formação acadêmica e por estarem ao meu lado em todos os momentos da
vida;

Ao meu esposo Damásio, que esteve ao meu lado durante todo o período
do curso e da elaboração da monografia, pela atenção e carinho dedicados a mim.

À minha irmã Rousemary, por não medir esforços para me ajudar em
todas as circunstâncias da minha vida;

À minha orientadora Suely Costa, pela competência no desenvolvimento
desta pesquisa;

A todos os meus professores e colegas do Curso de Especialização, pela
contribuição a minha formação, e em especial aos amigos João, Ione, Carlos Valmir
e Maria de Fátima.

À Joyce, Anailza, Tamires, Maria Joselma, Tainara e Joelma, alunas
queridas que participaram do projeto e me proporcionaram momentos de muito
aprendizado e alegria.

“De onde vêm as histórias? Elas não estão escondidas como um tesouro na gruta de Aladim ou num baú que permanece no fundo do mar. Estão perto, ao alcance de sua mão. Você vai descobrir que as pessoas mais simples têm algo surpreendente a nos contar.

Quando um avô fica quietinho, com o olhar perdido no passado, não perca a ocasião. Tal como Aladim da lâmpada maravilhosa, você descobrirá os tesouros da memória. Se ter um velho amigo é bom, ter um amigo velho é ainda melhor.”

(Ecléa Bosi)

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma discussão em torno da interação entre jovens e velhos com base no projeto de leitura e produção do gênero Memórias Literárias, *Lembro como se fosse hoje*, desenvolvido na EEEFM Ivan Bichara Sobreira, no município de Lagoa de Dentro – PB. O objetivo esteve em compreender como a elaboração do gênero textual/discursivo propicia a interação entre gerações diferentes e como isso contribui para a compreensão da identidade de jovens. A proposta se orienta por conceitos relacionados ao gênero memória literária e identidade, tendo como fundamentação teórica Marcuschi (2012), Bosi (1979), Pollak (1992), PCN (1997), entre outros. Buscamos compreender como a elaboração das Memórias pode propiciar uma interação efetiva entre gerações diferentes de uma mesma família. Para isso, analisamos textos representativos do gênero abordado e depoimento de uma aluna participante do projeto sobre sua percepção em relação ao aprendizado adquirido através do projeto. Ao fim da pesquisa, constatamos que é importante propiciar aos jovens momentos de interação com pessoas mais velhas da comunidade e que a escola pode ser instrumento de absoluta relevância nesse processo.

Palavras-chave: Memórias Literárias. Identidade. Escola

ABSTRACT

This study aims to understand how the development of the textual/discursive genre provides the interaction between different generations and how it contributes to the understanding of the identity of young people. For this, we present concepts related to gender, Literary Memoirs and identity, whose theoretical foundation is based on Marcuschi (2012), Bosi (1979), Pollak (1992), NCP (1997), among others. Therefore, we present the development of reading and producing the genre Literary Memoirs Project I remember like it was yesterday, what happened in EEEFM Ivan Bichara Sobreira, in the city of Lagoa de Dentro-PB. We seek to understand how the development of Memories can provide an effective interaction between different generations of the same family. For this, we analyzed two representative texts of the genre addressed and a testimonial from a student participating in the project on their perception of the learning acquired through the project. After research, we find that it is important to provide young people moments of interaction with older people in the community and that the school can be an instrument of the utmost importance in this process.

Keywords: Literary Memoirs. Identity. School

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2 GÊNERO TEXTUAL MEMÓRIAS LITERÁRIAS	13
2.1 MEMÓRIAS LITERÁRIAS: reminiscências e subjetividades.....	16
3 O INTERAGIR DE GERAÇÕES: TROCAS SIMBÓLICAS.....	20
3 ANÁLISE DA PESQUISA	22
3.1 ANÁLISE DAS MEMÓRIAS LITERÁRIAS	25
4.2 ANÁLISE DO DEPOIMENTO.....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
6 REFERÊNCIAS.....	32
ANEXOS.....	33

1. INTRODUÇÃO

Esta monografia é resultante de estudos realizados no Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares, financiado pelo Governo do Estado da Paraíba em parceria com a Instituição de Ensino Superior Universidade Estadual da Paraíba.

Em 2012, foi realizado o projeto “Lembro como se fosse hoje”, para ser submetido ao Prêmio Mestres da Educação, oferecido pelo Governo do Estado da Paraíba. Ao total participaram 06 alunas do ensino fundamental da EEEFM Ivan Bichara Sobreira, situada no município de Lagoa de Dentro – PB. O objetivo do projeto era a elaboração de Memórias Literárias. Em função disso, as alunas foram em busca de pessoas mais velhas da comunidade para ouvir suas histórias e registrá-las.

Vale salientar que o conceito de Memórias Literárias abordado nesta pesquisa está relacionado ao modelo apresentado pela Olimpíada de Língua Portuguesa, em que “os alunos, por serem ainda muito jovens, irão recorrer, no desenvolvimento do tema, às memórias de pessoas mais velhas da comunidade. É importante, portanto, enfatizar, que os alunos não irão escrever suas próprias memórias, eles precisarão aprender a escrever como se fossem o próprio entrevistado” (CENPEC, 2012, p. 19)

Em uma época em que ouvir pessoas mais velhas não é mais um hábito entre familiares e vizinhos, tal como foi em épocas anteriores, faz-se necessário incentivar nossos jovens a irem em busca dessas histórias e dessas pessoas mais velhas, que certamente tem muito a contar sobre sua vida e que podem contribuir para a compreensão da nossa identidade enquanto sujeitos histórico-sociais. Um dado que chamou nossa atenção foi a escolha de parentes próximos como mães e avós para ouvir as histórias e escrevê-las, o que nos indica que houve interação entre gerações diferentes de uma mesma família, possibilitando assim, uma reflexão sobre a identidade das jovens a partir da narrativa de seu/sua parente.

Para compreendermos como a elaboração de Memórias Literárias pode levar o jovem a refletir sobre sua sociedade e sua identidade, este trabalho organizou reflexões sobre o conceito de gêneros textuais/discursivos e sua função histórico-social, para, em seguida, apresentar o gênero Memórias Literárias enquanto

materialização das reminiscências das pessoas entrevistadas para a elaboração do texto.

No capítulo seguinte, buscamos compreender como pode acontecer a interação entre diferentes gerações de uma família e como a identidade dos jovens pode ser compreendida por eles mesmos ao ouvir as reminiscências de seus parentes mais velhos.

Em seguida, apresentamos os procedimentos metodológicos desenvolvidos no projeto, assim como os sujeitos participantes do mesmo. A partir disso, analisamos dois textos representativos do gênero abordado, para entendermos como as imagens de épocas anteriores a nossa podem facilitar a compreensão sobre nosso passado. Ainda neste capítulo, apresentamos o depoimento de uma aluna participante e procuramos refletir sobre suas percepções em relação ao aprendizado adquirido a partir das atividades desenvolvidas no projeto.

Por fim, tecemos nossas considerações sobre a importância da interação de gerações diferentes e sobre o papel da escola em propiciar experiências que vão além do ambiente escolar.

2 GÊNERO TEXTUAL MEMÓRIAS LITERÁRIAS

Antes de compreendermos como as Memórias Literárias são caracterizadas e quais funções desempenham, é importante que entendamos o que são gêneros textuais e como estão inseridos nas interações que vivemos cotidianamente em nossa sociedade.

A partir das contribuições da filosofia da linguagem, o conceito de gêneros textuais passou a ser amplamente discutido quando tratamos de linguagem e interação. E, para compreendermos como os gêneros funcionam na sociedade, precisamos compreender a importância da linguagem para a interação, isto é, como nos apropriamos da linguagem para registrar o nosso dizer, e como esse dizer é recebido pelo outro.

A linguagem é, antes de tudo, um fenômeno social, e por isso, serve aos sujeitos sociais (eu e você que está lendo, por exemplo), que necessitam de modelos textuais previamente estabelecidos que outras pessoas, em situações semelhantes, também usam, de forma que, quando precisamos nos comunicar com alguém que está distante, enviamos um bilhete, uma carta, um e-mail ou um SMS (e não uma receita culinária). Assim, entendemos que esses gêneros não foram inventados exatamente para uma situação isolada, mas serve a todos os usuários da língua em situações parecidas. Isso nos remete à ideia de que os gêneros “são tipos relativamente estáveis do enunciados” (BAKHTIN, 1992 p. 262), uma vez que utilizamos esses gêneros já modelados pela sociedade e por isso, sabemos em quais circunstâncias precisamos escrevê-los e qual a finalidade deles.

Além disso, ao nos dirigir a pessoas diferentes, escolhemos quais palavras são adequadas a cada uma, de modo a conseguirmos nossos objetivos no momento da interação. Assim, usamos palavras diferentes para nos comunicar com alguém de nossa intimidade ou com um chefe, por exemplo, já que são sujeitos sociais diferentes e que por isso, exigem tratamentos diferenciados.

A partir dessas reflexões, entendemos o caráter dialógico da linguagem, que nos orienta a escolher como nos comunicar a partir do contato com o outro, pois é ele quem define a forma com a qual devemos interagir.

Nessa perspectiva, entende-se que na interação, sempre há a necessidade de levar em consideração o outro, a quem nos remetemos na situação comunicativa

e que irá, juntamente com os objetivos dos interlocutores envolvidos, determinar o enunciado. Nas palavras de Bakhtin/Volochinov (1992 [1929], p. 113) “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim em uma extremidade, na outra, apoia-se sobre meu interlocutor”. Ou seja, elaborar qualquer gênero textual, oral ou escrito, requer que compreendamos o outro não como mero receptor, e sim como um sujeito social, que baliza o nosso enunciado.

Diante disso, podemos entender que

os gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder. Pode-se, pois, dizer que os gêneros textuais são nossa forma de inserção, ação e controle social no dia-a-dia. Toda e qualquer atividade discursiva se dá em algum gênero que não é decidido *ad hoc* [...] Daí também a imensa pluralidade de gêneros e seu caráter essencialmente sócio-histórico (MARCUSCHI, 1998, p.161).

Para melhor compreendermos o caráter sócio-histórico dos gêneros, é importante que levemos em consideração que vivemos em sociedade e por isso, necessitamos de alguns elementos que possamos compartilhar com os outros seres sociais. Dentre esses elementos, destaca-se a linguagem, pois é através dela que materializamos nosso dizer ao outro, que, na mesma condição de ser social, vai interagir conosco.

Voltemos ao exemplo do gênero bilhete: ele funcionou efetivamente durante muito tempo, mas hoje, diante de outras demandas que a sociedade impõe ao novo recorte histórico em que vivemos, cedeu espaço a gêneros de circulação mais rápida como o e-mail e o SMS. Em outras palavras, quando a sociedade sofre transformações históricas, como a que vivemos em relação às mudanças tecnológicas, alguns gêneros também se modificam ou se atualizam para atender à nova demanda, enquanto outros são inventados, e outros descartados pelos sujeitos, por não atenderem aos novos propósitos comunicativos.

Assim, podemos dizer que os gêneros materializam nossa interação com a sociedade, uma vez que fazemos uso deles em todas as situações comunicativas em que nos encontramos, e que nos são oferecidos “modelos” relativamente prontos para utilizarmos de acordo com nossos objetivos comunicativos (modelos esses que não surgem de um dia para o outro, mas são gradativamente estabelecidos através

dos usos que a sociedade faz deles). Além disso, moldamos a linguagem que empregamos neles de acordo como nossos propósitos e principalmente de acordo com o outro, a quem nos direcionamos e que determina nosso dizer no momento da interação.

A seguir, veremos como se configura o gênero Memórias Literárias, e quais são suas características e finalidades dentro do contexto social e discursivo.

2.1 MEMÓRIAS LITERÁRIAS: reminiscências e subjetividades

Nesta pesquisa, selecionamos o gênero Memórias Literárias, por se tratar de um gênero da esfera literária que nem sempre é valorizado pela escola. Podemos perceber que, geralmente, a escola prioriza gêneros de outras esferas de circulação para serem objetos de análise e aprendizado, e assim, relegam gêneros de fundamental importância para a compreensão do sujeito como ser social, como as Memórias Literárias, que oferecem ao educando uma noção de subjetividade ao ir de encontro a um outro recorte histórico-social, que traz a possibilidade de reflexão sobre sua própria identidade. Além disso, os PCN já indicam que

é importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto literário (1997, p. 29).

Antes de compreendermos como o gênero Memórias Literárias funciona, é importante que observemos o quanto o conceito de *memória* abrange múltiplas possibilidades de definição, já que podemos tratar de uma faculdade biológica, uma homenagem a alguém já falecido e até mesmo a capacidade de armazenamento de informações de alguns dispositivos eletrônicos. Diante destas diferentes definições, neste trabalho, contemplamos a memória como a “matéria prima” para a elaboração de Memórias Literárias, um gênero textual que

tem como propósito sociocomunicativo mais saliente recuperar, numa narrativa escrita de uma perspectiva contemporânea, vivências de tempos mais remotos (relacionadas a lugares, objetos, pessoas, fatos, sentimentos, valores etc.) experienciadas pelo autor (ou que lhe tenham sido contadas por outrem, mas que lhe digam respeito), numa linguagem que se configure como um ato discursivo próprio e recrie o real, sem um compromisso com a veracidade ou com a magnitude das ocorrências (MARCUSCHI, 2012, p. 56).

Assim, ao narrar suas reminiscências, o memorialista não se preocupa exatamente, em apresentar a realidade objetiva do que foi vivenciado, uma vez que

lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho [...] Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, por que nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. (BOSI, 1979, p. 17)

Desse modo, o memorialista está livre para recriar aquilo que viveu, não sob o pretexto de mascarar ou falsificar sua história, mas por imprimir nela aquilo que o tempo moldou em sua personalidade, e pode assim, ter um outro olhar sobre que vivenciou, pois

na elaboração literária de uma vida, o autor realiza um incessante diálogo entre o passado e o presente, colocando em cena a elaboração de seu ser pessoal, na procura das significações contidas nos fatos passados. Diríamos que o memorialista faz uma segunda leitura do tempo vivido ou... perdido. (ARAGÃO, 1992, p. 03)

É importante observar, contudo, que apesar de qualquer pessoa poder escrever suas memórias, aquelas que provêm de pessoas com mais vivências são mais generosas ao nos propiciar a visualização de características de uma época anterior, e que nos possibilita compreender a época em que vivemos. Assim, temos acesso a um período distante do ponto de vista temporal, que nos permite delinear as transformações pelas quais a sociedade passou.

Em uma sociedade que não valoriza a velhice, ser idoso é um desafio. Por não ser mais a força produtiva que impulsiona a vida da família e da sociedade, o idoso é, muitas vezes, afastado de decisões, por não estar mais adequado aos padrões de um sistema que exige força e rapidez. Mas, ao narrar suas memórias, o idoso garante, através da linguagem, “principal elemento socializador das memórias” (BOSI, 1979, p. 18), uma ponte entre passado e presente, não unicamente no sentido temporal, e sim sob uma reflexão que apenas no presente é possível se manifestar.

Porém, ler Memórias Literárias é ir além de uma simples curiosidade sobre o passado, é compreender o mundo através do olhar de quem viveu um outro momento histórico e hoje pode refletir sobre o presente, distante das “amarras”

sociais e ideológicas de seu passado, mas sob uma perspectiva de liberdade, de forma que apenas assim é possível para nós

verificar uma história social bem desenvolvida: elas [as pessoas idosas] já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que uma pessoa de idade. (BOSI, 1979, p. 22)

Em outras palavras, podemos salientar o quanto essas lembranças carregam consigo uma infinidade de elementos que, trazidos ao presente, dá outros significados ao que se viveu. Traz o olhar de quem, agora, pode livremente medir, julgar e analisar as experiências vividas, já que

a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto das representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor (BOSI, 1979, p.17)

Todo esse processo, de certo, não é fácil. Nele implicam vários aspectos que tornam a elaboração da memória ainda mais dinâmica e envolvente. Nela, estão resguardadas impressões que dizem respeito a quem as vivenciou e que podem vir à tona dentro de um conjunto de emoções vividas no presente.

Não caberia desse modo, o conceito de “resgatar” a vida passada. O passado permanece lá, sem chances de retorno. O que vai interessar é como esse passado é transposto para o presente, de modo que

não importa se o eu criado se afasta do eu real. Não há como se investigar se os sentimentos, as paixões, as angústias e as alegrias foram sentidas tais como o autor nos comunica. Entramos na esfera do literário, isto é, do reino das palavras, da criação pela linguagem” (ARAGÃO, 1992, p. 10).

Outro ponto que merece nossa atenção é o fato de que, como seres humanos, procuramos marcar e assim perpetuar nossa presença no mundo de forma a permanecer nele mesmo após nossa morte, por isso, temos a necessidade de expressar, através de linguagens, essa consciência de mundo que parte de uma noção de identidade pessoal e que está, por sua vez, atrelada à identidade da comunidade a qual pertence. Assim, “a memória é, para cada um de nós, a provisão de imagens que responde às nossas necessidades, que traduz e reflete a nossa personalidade, o nosso eu íntimo e profundo. Nossa memória é nós mesmos. E nossa identidade.”(ARAGÃO, 1992 p. 09).

Por isso, toda a narração da memória vai de encontro a um “eu”, que procura delinear uma identidade, ou seja, “buscar liames que nos ligam à nossa história: os nossos valores, as nossas verdades, com os quais formamos a nossa personalidade” (Ibid., p. 09). É através dela que o narrador vai juntar as peças que formam sua identidade enquanto ser histórico-social que é, num jogo em que o passado explica, ou direciona uma reflexão, sobre quem somos no presente.

Enfim, encontramos no gênero Memórias Literárias uma possibilidade de compreensão de como o passado pode ser apreciado no presente, e nos oferecer “a única maneira de se estabelecer o encontro entre o que nunca pode ser falado e o que agora pode ser escrito. Um importante elo, sem dúvida, entre consciência, conhecimento, autoconsciência, temporalidade e linguagem” (Ibid., p. 11).

3 O INTERAGIR DE GERAÇÕES: TROCAS SIMBÓLICAS

É importante entendermos que, para elaborar as Memórias Literárias no projeto, as alunas deveriam se colocar no lugar do(a) entrevistado(a) para que a narrativa acontecesse em primeira pessoa. Para isto, é necessário que aconteça uma entrevista, em que a entrevistador escuta atenciosamente o relato das reminiscências do entrevistado, para, a partir delas, iniciar a escrita. E é justamente nesse momento de interação, que o jovem se defronta com um passado que, visto pelos olhos de seu entrevistado, é capaz de ser visualizado e ser compreendido.

A elaboração da Memória Literária permite esse olhar que se desloca no tempo e no espaço para dar voz àqueles que, testemunhas de um outro tempo, pode contribuir na compreensão de aspectos do tempo atual. Vale salientar ainda que,

a priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLAK, 1992 p. 02)

Assim, ao narrar suas lembranças, o entrevistado oferece mais do que suas próprias lembranças, ele apresenta um contexto social comum a muitas pessoas que compartilharam do mesmo recorte espaço-temporal.

Por isso, todos esses aspectos também trazem ao adolescente uma oportunidade de, através do olhar se seu entrevistado, entender como a sociedade que ele julga estática, foi se transformando ao longo do tempo para definir sua configuração atual. Isso pode representar pra ele respostas ao que tem indagado sobre sua condição sócio-histórica e pode ainda mostrar a ele um modo de compreender como sua identidade foi e está sendo construída a partir do que outras pessoas vivenciaram o mundo que os cercam, uma vez que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 05)

Diante das possíveis definições de identidade, Pollak (1992) destaca que estamos tratando da “imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a

ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros” (p. 05). Ou seja, na interação com os jovens, os entrevistados selecionaram passagens de sua vida que condizem com a imagem que eles querem que os jovens tenham deles.

Outro ponto que merece nossa atenção é o fato de que todas as participantes do projeto terem escolhido familiares próximos como pai, mãe e avós, o que nos indica a ideia de busca, talvez inconsciente, de visualizar o que sua geração anterior vivenciou.

Diante disso, percebemos que houve uma busca de interação entre jovens e pessoas mais velhas, e que através disso, foi estabelecida uma ligação entre passado e presente de uma família, o que possibilitou a reflexão sobre um outro contexto histórico-social, vivido por seu parente mais velho e que, de certa forma, torna mais clara as condições vividas pelo jovem em sua época atual.

Não é difícil imaginar a reação dos familiares em serem convidados para lembrar de sua infância e adolescência. Em uma época em que o ato de ouvir está sendo substituído pelo de falar em demasia, fica subentendida a satisfação dos mais velhos em contar sua história para seu filho ou neto. Talvez em outros tempos, esse convite não fosse tão generoso, pois havia o hábito de sentar em calçadas ou terreiros para ouvir histórias, mas hoje, esse hábito foi substituído pela utilização de aparelhos de televisão, computadores e internet, e com isso, a interação face a face ficou em segundo plano, já que há mais interesse na interação virtual e a maioria dos idosos ficaram descartados dessa nova forma de interagir.

Ao contrário disso, a escuta atenciosa das lembranças de seus parentes mais velhos, propiciou uma interação que tinha finalidades que iam além do simples ato de ouvir, pois as palavras ditas teriam um registro estável através da escrita e que estaria ao alcance de muitas pessoas por mais tempo. Vale salientar que, nos encontros, as alunas relataram que alguns idosos, ao serem convidados a contar suas memórias, diziam que não havia nada de interessante a ser contado e que eram histórias antigas, sem graça.

Isso nos aponta o quanto ouvi-los é importante, não apenas para escrevermos suas histórias, mas para que eles compreendam que suas histórias, são parte das nossas.

3 ANÁLISE DA PESQUISA

Para melhor caracterizar a pesquisa, explicitaremos a seguir os procedimentos metodológicos aplicados e contexto geral do projeto.

Entre os meses de julho e outubro de 2012 aconteceram oficinas para a realização do projeto “Lembro como se fosse hoje”, que contou com a participação de seis alunas do ensino fundamental da EEEFM Ivan Bichara Sobreira, situada no município de Lagoa de Dentro – PB. O objetivo do projeto era desenvolver as habilidades de leitura e escrita do gênero Memórias Literárias, assim como investigar a reescrita como estratégia de conscientização linguística e aperfeiçoamento da produção textual.

Para as oficinas, foram adotados os procedimentos listados a seguir:

- Envolvimento dos educandos nos objetivos do projeto;
- Exibição do filme Narradores de Javé (2003);
- Discussão sobre a importância do registro histórico para a identidade de um povo, através de perguntas dirigidas;
- Leitura das Memórias Literárias: “Parecia mais diferente” - Zélia Gattai, “Minha vida de menina” - Helena Morley, “Lavador de Pedra” - Manoel de Barros) e outros textos extraídos da Coletânea de Textos do caderno Se bem me lembro: Cenpec, 2010;
- Interpretação e análise dos elementos linguístico-textuais presentes nas memórias;
- Observação e análise dos elementos de textualização;
- Entrevista com as pessoas mais velhas da comunidade (escolhidas pelas alunas), para levantamentos dos fatos a serem narrados na Memória Literária;
- Elaboração da Memória Literária;
- Correção colaborativa do texto (feita em duplas) através de listas de controle, com perguntas orientadoras para revisão;
- Orientações individuais para a reescrita;
- Reescrita do texto;

- Exposição das produções textuais, através de um livreto impresso e distribuído para a comunidade escolar em cerimônia de lançamento do livreto e apresentação das autoras.

Para compreendermos como a interação entre gerações aconteceu nessa pesquisa, precisamos entender quais sujeitos estavam envolvidos e qual o contexto macro do projeto “Lembro como se fosse hoje”.

Para a composição do projeto, foram convidados todos os alunos do 6º, 8º e 9º anos do ensino fundamental, todos do turno vespertino da referida escola. No convite, foi explicado que as oficinas seriam realizadas semanalmente em horário oposto ao das aulas, no turno matutino, na mesma escola. Por volta de apenas dez alunos compareceram e, ao final, apenas seis alunas permaneceram, uma do sexto ano, quatro do oitavo e uma do nono ano. A maioria das oficinas foi realizada na biblioteca da escola e tinha duração de uma hora e meia em média.

Todas as alunas pertenciam a um nível socioeconômico baixo, seus pais não possuíam grau de escolaridade elevado e a maioria deles trabalhava em atividades agropecuárias e outras de baixo rendimento financeiro. Apenas uma delas estudou em escola particular até o quinto ano do ensino fundamental.

Três alunas eram provenientes da zona rural do município e, por isso, precisavam voltar para casa e depois retornarem à escola, demonstrando muito interesse no decorrer das atividades do projeto. Na culminância, elas e seus familiares estiveram presentes e ouviram da comunidade escolar muitas palavras de elogio e incentivo.

Notamos assim, que se tratava de adolescentes que se interessavam em participar de um projeto que tinha como objetivo compreender a produção escrita de um gênero, e que seria indispensável a interação com pessoas mais velhas. Além disso, podemos notar que houve o interesse em aprender algo que transpassava as paredes da sala de aula, isto é, tratava-se de uma atividade extra, sem a exigência de uma avaliação que culminaria apenas em uma nota para o bimestre.

Do outro lado estavam pessoas mais velhas da comunidade, mais precisamente da família, que se disponibilizaram a contar a história vivida por elas aos seus parentes mais novos. Tratavam-se de pessoas simples, com histórias não necessariamente espetaculares, que no momento da entrevista transformavam-se

no canal de acesso a um passado desconhecido, capaz de encantar e surpreender a geração mais nova.

Selecionamos como amostra os textos **Recordações** e **Minhas Recordações**, que apresentam características do gênero abordado e que, por isso, conseguem nos oferecer imagens de uma época passada. O primeiro traz as reminiscências da avó paterna da aluna, e a segunda, da mãe de outra aluna.

Em seguida, analisamos o depoimento de uma aluna participante do projeto para compreendermos como aconteceu a interação entre as gerações envolvidas.

A seguir, veremos os resultados obtidos em nossa análise.¹

¹ Por motivo de limite de espaço, utilizaremos trechos para análise. Os textos completos estarão nos anexos.

3.1 ANÁLISE DAS MEMÓRIAS LITERÁRIAS

Veremos a seguir trechos dos textos elaborados pelas alunas com o objetivo de observar como as reminiscências das entrevistadas foram registradas pelas alunas:

Temas / Textos	Recordações	Minhas recordações
Convívio Familiar	<p><i>Morava em uma casinha simples e pequena (...)</i></p> <p><i>Éramos uma família simples, usávamos roupas simples e mal tínhamos brinquedos, a não ser aqueles velhos sabugos de milho, que fazíamos em forma de boneca.</i></p>	<p><i>Morávamos no sítio Mata, comecei a trabalhar logo cedo, porque em minha época os pais eram muito ignorantes, colocando-nos para trabalhar na enxada ainda pequenos.</i></p>
Relações com o trabalho	<p><i>Naquele tempo minha mãe trabalhava em casas de farinha, com funções variadas, das quais a mais executada era a rapagem de mandioca, então eu ficava em casa cuidando de meus irmãos mais novos.(...)</i></p> <p><i>Com o passar do tempo comecei a exercer a mesma função da minha mãe, para ajudar no sustento da nossa casa.</i></p>	<p><i>Lembro-me que meu pai acordava meus irmãos mais novos e eu ainda no escuro da madrugada. Saíamos todos com sono e meu pai gritando com frequência. Trabalhávamos debaixo do sol, lembro-me que quando o sol tocava em minha cabeça, era como se fosse uma bola de fogo de tão quente que era.</i></p>
Relações afetivas	<p><i>Algum tempo depois, comecei a namorar um rapaz digno e decente. Sentávamos um longe do outro e no começo não podíamos nem pegar na mão, só depois de alguns meses de namoro. Namorávamos um olhando para o outro e meu pai ali, nos observando.</i></p>	<p><i>O jeito de namorar era bem diferente mesmo, as garotas não podiam nem pegar na mão de seus namorados, era muito estranho, e mais estranho ainda é que namoravam somente olhando um para o outro e com o pai vigiando.</i></p>

É importante salientar que o gênero Memórias Literárias se caracteriza por conter traços literários, uma vez que, apesar de contar lembranças reais, o autor pode recriá-las à sua maneira, inserindo sensações como cheiro, som, texturas, imagens e sabores ao texto, assim como usar recursos metafóricos para melhor caracterizar os acontecimentos, já que os gêneros da esfera literária

se distinguem (embora essa distinção nem sempre seja simples de ser identificada) dos gêneros de outras formações discursivas por certa transgressão do real, por um olhar próprio e reflexivo dos acontecimentos históricos e sociais, pelo uso mais intenso de recursos estilísticos da linguagem, pela aspiração de provocar experiências estéticas, éticas, ideológicas etc. no leitor presumido (MARCUSCHI, 2012, p. 55-56).

Em primeiro lugar, observamos que os textos cumprem com seu objetivo de nos fornecer imagens de uma época anterior à nossa, contudo, notamos que há a carência de recursos ficcionais, o que não compromete a estrutura do gênero, mas não lhe confere uma qualidade estética/literária satisfatória. Provavelmente isso tenha acontecido por tratar-se, talvez, de uma habilidade que exige uma sensibilidade mais aguçada, capaz de transformar sensações e sentimentos em palavras, e isso requer ainda mais trabalho e muita imaginação. Não seria difícil de constatar que a ligação entre língua e literatura não é muito aproveitada pela escola. Nem sempre as sensações e percepções sobre o mundo são estimuladas a serem escritas, já que desde as séries iniciais privilegia-se o trabalho com textos mais formais, objetivos, racionais e, quando muito, pede-se que o aluno faça versinhos sobre um tema previamente definido para apresentações na própria escola.

Apesar disso, as alunas demonstram ter compreensão do que se esperava de uma Memória Literária, pois a todo o momento elas conseguem trazer para o texto as reminiscências de suas entrevistadas, oferecendo-nos a visão de uma época anterior a nossa e que, por isso, carrega em sua essência os traços do gênero ao qual se propuseram escrever.

Não podemos deixar de observar a carga de representatividade que essas lembranças carregam consigo. Elas conseguem trazer ao presente, de forma reflexiva, o que foi vivido pelas entrevistadas e que hoje podem ser analisadas sob uma nova percepção. Através delas, tanto as entrevistadoras como nós leitores,

delineamos quem são essas mulheres, antes meninas e hoje mãe e avó, que enfrentaram situações de convivência social e relações com o trabalho diferentes das que enfrentamos hoje e que, possivelmente, definiram o modo como criaram e educaram os jovens que estavam a ouvi-las. Em outras palavras, essas lembranças representam para a entrevistada, a possibilidade de definição de quem elas são, através da narração do que passaram em sua trajetória de vida, e que explica, de grosso modo, as suas percepções do mundo de hoje e a forma como educaram seus filhos.

Geralmente, os jovens estranham alguns hábitos e algumas ideias que os mais velhos têm em relação à atualidade. Porém, nem sempre têm oportunidade de conhecer o contexto sócio-histórico que os mais velhos participaram, o que influencia a forma como eles vêem o mundo de hoje.

Podemos, a partir dos três indicadores apresentados acima, compreender a configuração da sociedade na época e fazermos um paralelo com nosso tempo atual. Vejamos:

Relações familiares: Observamos que a grande maioria da população vivia na zona rural, ou seja, no campo. Esse foi o lugar em que nasceram e cresceram, com bastante contato com a natureza, com a companhia de muitos irmãos e com o trabalho na agricultura. Atualmente, grande parte dos moradores do campo estão fixando residência na cidade, os casais optam por ter poucos filhos e já não há tantos locais de contato com a natureza. Além disso, as atividades agrícolas não são mais tão desenvolvidas pelos jovens, que preferem atividades de menor esforço físico.

Relações com o trabalho: Como dito antes, a agricultura era o setor mais produtivo para o sustento da família, e, por isso, muitos pais necessitavam da ajuda dos filhos para o trabalho, o que muitas vezes prejudicava a frequência na escola e as atividades de lazer. Outro local de trabalho eram as casas de farinha, lugar em que havia o processamento da mandioca até a farinha e que também necessitavam do trabalho de homens e mulheres do campo. Atualmente, no município onde aconteceu o projeto, a agricultura divide espaço com outros setores da economia, como serviço público e comércio.

Relações afetivas: Podemos notar que havia restrições em relação ao namoro, principalmente por parte da família da moça. O distanciamento físico era considerado como proteção por parte dos pais, que só permitiam que os namorados

se encontrassem com a supervisão de um adulto conhecido. Atualmente, os jovens estão menos monitorados em relação a seus relacionamentos afetivos e isso é motivo de estranhamentos por parte das pessoas mais velhas da sociedade.

Diante de tudo isso, vemos na elaboração das Memórias Literárias uma forma de trazer para o jovem o contexto sócio-histórico vivido por alguém mais velho, que oferece a oportunidade de refletir sobre a sociedade e sobre quem nos tornamos como membros dela.

4.2 ANÁLISE DO DEPOIMENTO

No final das atividades do projeto, propusemos que as alunas escrevessem um depoimento, com o objetivo de analisarmos a percepção que elas tiveram sobre o contato com seus entrevistados. O depoimento a seguir foi elaborado pela aluna que escreveu o texto *Minhas Recordações*, que apresenta as reminiscências de sua avó.

Vejamos como aluna apresenta suas percepções:

Ao concluir esta memória consegui aprender novas coisas, como por exemplo, escrever um texto, qual a palavra mais adequada para usar e o mais importante, imaginei que aquela história estava acontecendo comigo, pois no momento em que minha avó começou contar sua história me senti como se estivesse ali, fazendo parte de cada cena e observando tudo o que acontecia, era como se estivesse nascido e crescido naquele tempo, vendo o sofrimento dela para sustentar sua família, trabalhando em casas de farinha de dia à noite.

Podemos compreender, a partir da percepção da aluna, que a realização da entrevista possibilitou um encontro com uma geração que viveu outro momento histórico e que permitiu o registro desse recorte histórico através da linguagem.

A aluna, ao usar o verbo *imaginar*, nos remete às imagens que nossa mente projeta ao ter contato com histórias lidas ou contadas por alguém. Conseguimos visualizar o espaço em que se passa a narrativa e podemos também, de certa forma, sentir o que os personagens sentem, a depender de nosso envolvimento com a história contada.

É nesse ponto que a interação com um membro da família propicia um envolvimento ainda maior. Não se trata apenas de ouvir e depois escrever o que o entrevistado disse, é sentir-se como parte da história, é compartilhar com o outro seu sofrimento ou sua alegria, e é entender como a identidade da pessoa que conhecemos na fase adulta ou na velhice foi se formando a partir das experiências

vivenciadas e como o comportamento e as atitudes que conhecemos hoje foram moldadas a partir delas.

Outro aspecto importante é que, como explicamos acima, as Memórias Literárias forma escritas em primeira pessoa, o que permite que as alunas se coloquem como protagonistas da história. Observemos que se trata de uma perspectiva diferentes da que as alunas de ensino fundamental estão habituadas a escrever. No depoimento, aluna escreve que “*era como se estivesse nascido e crescido naquele tempo*”, o que nos indica que aluna, ao escrever o texto, coloca-se como alguém que experimentou viver em outra época através de sua avó, e conseguiu escrever em primeira pessoa, assegurando, de forma simbólica, sua “presença” na história.

Podemos ainda, relacionar essas duas figuras. Trata-se de duas mulheres, que carregam consigo as marcas da sociedade em que vivem. A jovem, provavelmente, vê com certa surpresa o contexto em que sua avó vivia, uma vida de trabalho duro, de privações, de submissão e vigilância. E certamente, já envolvida com o que a sociedade atualmente oferece, pode pensar o quão diferente, e mais difícil, era a vida de sua avó. Por sua vez, a avó percebe a mudança nos comportamentos atuais e provavelmente, acredita que sua formação foi mais adequada.

Desta forma, podemos compreender uma dinâmica social maior, em que os papéis sociais se atualizam, mas nem sempre mudam. São mulheres diferentes, de épocas diferentes, que, embora sob novo olhar, trazem consigo as mesmas marcas sociais destinadas às mulheres de nossa sociedade. São duas gerações que, em um contexto maior, são vítimas de violência, de injustiça no trabalho e de submissões, e que ainda precisam ser donas de casa dedicadas e, muitas vezes, ser responsáveis pelas provisões da casa e chefiar a família.

No âmbito pedagógico, esses pontos podem ser levados em consideração ao indagarmos quem são esses sujeitos, como são formados, e como podemos contribuir com a manutenção de problemas sociais que podem deixá-los à margem da sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito histórico, reconhecemos a importância das Memórias Literárias como uma articulação entre o passado e o presente e que nos propicia uma visão de nossa própria identidade como seres histórico-sociais. No âmbito educacional, tem-se a possibilidade de inserir o educando em uma pesquisa em que ele é o protagonista de seu aprendizado e que terá a oportunidade de, através de seu trabalho, refletir sobre a sociedade em que vive e sobre a formação de sua identidade a partir do olhar de seus entes mais velhos.

No atual contexto social, ouvir um idoso não é atrativo para o jovem, que prefere estar conectado com o mundo através da internet. Mas, ao oferecer a possibilidade desse contato através de atividades sistemáticas e com objetivos bem delineados, o jovem sente-se motivado a ouvir com atenção e contribuir para o registro da história contada pelo entrevistado mais velho.

No desenvolvimento das oficinas do projeto, ficou evidente o quanto é importante inserir jovens em contextos de aprendizagem que o coloque como principal agente de seu aprendizado. Assim, ao ir em busca de seus entrevistados, elas iniciaram um processo de pesquisa que “fugia” do modelo estabelecido pela escola, que geralmente se restringe à sala de aula, e foram ao encontro com um universo desconhecido que, durante o projeto, mostrou-se encantador.

No momento da culminância do projeto, a comunidade escolar externou às alunas muitas palavras de elogio pelo esforço empreendido no desenvolvimento do projeto, assim como muito incentivo à continuação da atividade de escrever. Outro ponto importante foi a presença dos pais e de outros familiares das alunas, o que possibilitou a extensão dos elogios à família, que também são de extrema importância para a formação dos jovens.

Por fim, pensamos neste trabalho como incentivo a aplicação de atividades que visem ao aprendizado de gêneros da esfera literária e que, sobretudo, propiciem aos nossos estudantes a oportunidade de conhecer mais sobre as gerações que nos antecederam e sobre como a sociedade em que vivemos é dinâmica e surpreendente.

6 REFERÊNCIAS

ARAGÃO, M. L. **Memórias literárias na modernidade**. Santa Maria: Revista Letras: 1992. Disponível em http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r3/revista3_6.pdf Acesso em 13 de nov. de 2013.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 1992 [1929].

_____. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1952/1953]

_____. **Escrita, gênero e interação social**. Ângela Paiva Dionísio, Judith ChamblisHoffnagel (Orgs.). São Paulo: Cortez Editora, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

CENPEC. Se bem me lembro. **Caderno do professor**: orientações para produção de textos. Equipe de produção: Regina Andrade Clara, Anna Helena Altenfelder e Neide Almeida. São Paulo: Cenpec, 2010. Coleção da *Olimpíada*.

MARCUSCHI, B. **A escrita do gênero memórias literárias no espaço escolar**: desafios e possibilidades. São Paulo: Cadernos Cenpec, 2012. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/92> Acesso em: 13 de nov. de 2013.

MARCUSCHI, L.A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. Revista Estudos Históricos, Brasil, 5, jul. 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080> Acesso em: 29 de abr. de 2014.

ANEXOS

Minhas recordações

J. V. F.

Sou L. V. F., tenho 37 anos e me recordo muito bem de minha época de criança.

Morávamos no sítio Mata, comecei a trabalhar logo cedo, porque em minha época os pais eram muito ignorantes, colocando-nos para trabalhar na enxada ainda pequenos.

Lembro-me que meu pai acordava meus irmãos mais novos e eu ainda no escuro da madrugada. Saíamos todos com sono e meu pai gritando com frequência. Trabalhávamos debaixo do sol, lembro-me que quando o sol tocava em minha cabeça, era como se fosse uma bola de fogo de tão quente que era.

À tarde estudávamos e às vezes perdíamos até aula para trabalhar. Vejo que minha infância foi muito corrida, pois não tinha quase tempo para me divertir, e o pouco tempo que me restava, brincava com meus irmãos mais novos nem que fosse só por alguns minutos, mas logo nosso pai nos chamava, acabando com toda nossa alegria.

À noite chegávamos em casa bastante cansados, em que só fazíamos jantar e cair direto na cama para no dia seguinte começar tudo de novo.

Recordo-me também do jeito que as pessoas se vestiam, era muito diferente de hoje. As mulheres usavam vestidos com uma saia por baixo, chamada anágua, e o jeito de namorar era bem diferente mesmo, as garotas não podiam nem pegar na mão de seus namorados, era muito estranho, e mais estranho ainda é que namoravam somente olhando um para o outro e com o pai vigiando.

Hoje em dia vejo que as coisas estão muito mudadas, principalmente em relação às mulheres, que já não usam roupas longas e as garotas não namoram como antes.

As crianças de hoje têm mais liberdade para brincar e curtir sua pequena vida de criança, e às vezes algumas ainda reclamam da vida que tem.

Não posso dizer que não reclamava da minha, mas era só para mim...

Meu pai, com seu jeito tosco de ser, sempre quis o bem para mim e meus irmãos, mesmo que ele demonstrasse de seu próprio modo.

Hoje tenho minha própria família e moro em minha própria casa, apesar de não ter tido uma infância muito boa, me sinto feliz com a família que Deus me concedeu.

Recordações

M. J. V. F.

Sou F. B. S. e tenho 75 anos. Quando criança, morei no sítio Pé de Serra, lugar que nunca me esquecerei, pois lá passei a melhor parte da minha vida, junto com minha família.

Morava em uma casinha simples e pequena, feita de barro e madeira, ao lado tinha vários pés de mulungu e pedras enormes, onde brincávamos de toca, pique – esconde e passa anel, entre tantas outras. Naquele tempo minha mãe trabalhava em casas de farinha, com funções variadas, das quais a mais executada era a rapagem de mandioca, então eu ficava em casa cuidando de meus irmãos mais novos.

Éramos uma família simples, usávamos roupas simples e mal tínhamos brinquedos, a não ser aqueles velhos sabugos de milho, que fazíamos em forma de boneca, pena que só podíamos fazê-las no mês de São João, mês também do santo casamenteiro, Santo Antônio, em que me lembro que algumas garotas viravam-no de cabeça para baixo para arranjar um namorado, eu por minha vez, não acreditava nessas superstições, embora fosse muito religiosa.

Com o passar do tempo comecei a exercer a mesma função da minha mãe, para ajudar no sustento da nossa casa.

Algum tempo depois, comecei a namorar um rapaz digno e decente. Sentávamos um longe do outro e no começo não podíamos nem pegar na mão, só depois de alguns meses de namoro. Namorávamos um olhando para o outro e meu pai ali, nos observando.

Aos 28 anos casei-me com ele e fomos morar em nossa própria casa, onde tive quatro filhos. Infelizmente não posso dizer que meu marido aqui se encontra entre nós, mas procuro não pensar nisto, pois para mim ele nunca se foi e continua presente em meu coração.

Hoje vivo muito feliz, pois moro com minha filha mais velha e os meus outros filhos são donos de suas próprias casas e vivem felizes com suas famílias.